

EMPREGO FORMAL NO SETOR AGROPECUÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO: uma comparação entre homens e mulheres¹

Carlos Eduardo Fredo²
Luiza Maria Capanema Bezerra³

1 - INTRODUÇÃO

A geração de emprego na agropecuária é um tema bastante debatido na literatura, que se justifica pela sua importância para o desenvolvimento econômico de quaisquer países. Uma das principais características do emprego gerado nesse setor é a procura por trabalhadores com baixo nível de instrução. As atividades executadas no meio rural são, na grande maioria, pouco demandantes de trabalhadores com níveis de escolaridade elevados, o que acaba resultando em dificuldades de tal parcela menos instruída ser absorvida nos demais setores econômicos que buscam trabalhadores com níveis de instrução mais elevados (BRAUNBECK; OLIVEIRA, 2006). Ademais, destaca-se que o baixo nível de instrução das pessoas empregadas em atividades da agropecuária do país é um obstáculo para o crescimento dos salários no campo, o que contribui para a manutenção de disparidades da distribuição de renda entre os setores da economia e para a pobreza rural (OLIVEIRA, 2009).

Sobre a questão do emprego são inúmeros os estudos que tratam de tal tema. Existem estudos que se dedicam à análise de contingentes de trabalhadores que são empregados em sistemas produtivos de grande escala (produção de *commodities*, como, por exemplo, café, cana-de-açúcar, algodão, etc). Tais estudos buscam compreender as características de migração dos trabalhadores, as condições do emprego (saúde, alojamento, segurança), dentre outras. Outros estudos buscam compreender a relação entre a agricultura familiar e a fixação do homem no campo e, conseqüentemente, a ocupação e a

geração de emprego.

Ainda em relação à geração de postos de trabalho, outro debate relevante se dá no âmbito da inovação tecnológica versus geração de emprego ou desemprego. Em geral, na agricultura a adoção de tecnologias está relacionada com a diminuição do emprego, principalmente nas operações de colheita e pós-colheita. A inovação tecnológica provoca não apenas a redução de muitos postos de trabalho (notadamente aqueles ligados às etapas mais penosas, ou seja, que exigem maior esforço físico do trabalhador), como também cria uma demanda por um perfil diferenciado de trabalhador rural, aquele com capacitação para atividades produtivas mecanizadas (OLIVEIRA, 2009). Os sistemas produtivos mais tecnificados tendem a demandar menos postos de emprego, que na grande maioria são trabalhadores de baixo nível de instrução. Aos mais qualificados, como a função de tratorista, o impacto da inovação tecnológica é menor e pode ser percebido até mesmo como positivo, ao considerar que para esse tipo de perfil observa-se uma tendência de crescimento do número de postos de emprego (FREDO, 2011).

Um ponto importante a ser destacado quando se trata de tal discussão é a tendência à generalização das pesquisas que destacam a inovação tecnológica como responsável pela substituição do trabalho humano, assim ocasionando o desemprego. Essa conclusão foi considerada imediatista por Pastore (1998) ao criticar os estudos por não cercarem todas as possibilidades de análises, desprezando, por exemplo, os efeitos diretos e indiretos de uma adoção tecnológica. Portanto, tais estudos não decorrem de uma análise minuciosa do balanço entre admissões e demissões ocasionadas pelo fator inovação tecnológica frente às contratações que têm origem na criação de novos tipos de ocupações, seja na própria empresa ou em outros setores econômicos.

Também é bastante reconhecida a discussão sobre exclusão social ao se tratar de geração de emprego. Fredo (2011) salientou que

¹Registrado no CCTC, IE-21/2012.

²Engenheiro da Computação, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: cfredo@iea.sp.gov.br).

³Economista, Mestre, Pesquisadora Científica do Instituto Agrônomo de Campinas (e-mail: luiza@iac.sp.gov.br).

certos grupos de trabalhadores com determinado perfil (escolaridade, sexo, idade, etc) podem ser desalocados de suas funções, formando um contingente de desempregados que terá dificuldade de reinserção no mercado de trabalho. Aos desempregados, a inclusão social se torna mais difícil justamente pela inexistência do emprego, do trabalho estável, dos benefícios sociais auferidos pelo trabalho e da renda mínima que facilitaria o acesso à alimentação, saúde, educação, comunicação, lazer, cultura e a cidadania (DUPAS, 1999).

Devido à exclusão social do ponto de vista do emprego, certos trabalhadores ao tentarem uma vaga de emprego se depararão com problemas como: nível de instrução (mais alto acaba por garantir uma empregabilidade mais facilmente), faixa etária (pessoas com faixa etária mais elevada têm mais dificuldade de reingressar no mercado de trabalho) e também a questão do sexo.

Estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa de Estudos Avançados identificou que a participação das mulheres no mercado de trabalho apresentou um aumento e que tal fato é devido, em grande medida, à redução de obstáculos de natureza não econômica ao seu ingresso no mercado de trabalho e à necessidade de complementação dos orçamentos familiares, fatores que influenciaram a mudança de postura cultural em relação ao trabalho feminino (TAFNER, 2006). Quanto aos homens, evidenciou-se uma queda na participação da força de trabalho, vinculada a uma maior seletividade do mercado, que passou a privilegiar e demandar cada vez mais trabalhadores com maior nível de escolaridade.

A questão sexo, conforme Oliveira e Ariza (2001), constitui-se num elemento de segregação ocupacional, restringindo opções de ocupações para as mulheres, conferindo-lhes menos prestígio social, baixa mobilidade de ascensão profissional e alta instabilidade, sem contar o aumento das diferenças salariais em relação aos homens, mesmo que possuam um nível educacional superior ao deles. Tais observações indicam, portanto, a relevância da investigação sobre a geração de emprego rural tendo como base o sexo do trabalhador.

Este trabalho tem por objetivo analisar o emprego formal no setor agropecuário paulista em 2010, observando se há geração de emprego para homens e mulheres em relação ao total de postos de trabalho formais. Busca-se compreen-

der as diferenças e semelhanças entre o emprego masculino e feminino por meio das seguintes características dos trabalhadores: faixa etária, remuneração, grau de instrução, atividades econômicas, tempo médio de permanência no emprego e ocupações no setor agropecuário.

2 - MATERIAL E MÉTODO

Para o cumprimento dos objetivos propostos tomou-se como referência o empregado, ou seja, pessoa que trabalha para um empregador ou mais, cumprindo uma jornada de trabalho, recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro ou outra forma de pagamento (moradia, alimentação, vestuário, etc) (IBGE, 2012). Como fonte de dados primários foram utilizadas as informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do ano de 2010⁴. Essa base de dados é coordenada pelo Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (PET) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e disponibilizada via internet⁵ (MTE, 2012a).

A RAIS tem como característica principal reunir anualmente informações de todos os estabelecimentos brasileiros declarantes e dos vínculos ativos com carteira assinada em todos os setores econômicos definidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE): serviços, construção civil, comércio, indústria e agropecuária. Segundo metodologia da RAIS, os informantes devem realizar suas declarações sobre vínculos empregatícios ativos tendo como referência o dia 31 de dezembro. Nesse mês, o setor agropecuário encontra-se na entressafra, portanto em um período em que se encontra um número menor de trabalhadores. Mesmo assim, para um estudo sobre perfil socioeconômico, essa base fonte é representativa, pois se constitui num censo sobre o emprego formal brasileiro.

O processamento das informações foi realizado no *software* webDARDO⁶ disponibiliza-

⁴Os estabelecimentos têm até cerca de fevereiro do ano subsequente para prestar suas declarações ao Ministério do Trabalho e Emprego. Dado o processo de coleta, depuração e divulgação, as informações deste trabalho são as mais atuais até então.

⁵Cadastro prévio de usuário é necessário para utilização dos bancos de dados.

⁶Substituindo o sistema informatizado SGT-Internet conforme comunicado 190/11 do Ministério do Trabalho e

do também pelo PDET, o qual permite ao usuário realizar suas próprias consolidações especificando as variáveis de seu interesse. Nesse sistema é possível coletar informações quantitativas sobre vínculos empregatícios e estabelecimentos. Especificamente para os vínculos ativos, as variáveis utilizadas foram: faixa etária, grau de instrução, remuneração, tempo médio de permanência no emprego, horas trabalhadas e sexo.

O sistema também permite ao usuário selecionar, por exemplo, a variável sexo, que é foco deste estudo, e consolidar as tabulações necessárias relacionando-a com as outras variáveis.

Para analisar a questão do emprego no setor agropecuário foi necessária também a utilização da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (IBGE, 2004) que define 673 classes (ou categorias), pertencentes aos setores econômicos, das quais 34 referem-se ao setor agropecuário. Esta classificação, proposta pelo IBGE em parceria com outras instituições integrantes da Comissão Nacional de Classificação (CONCLA), teve por objetivo obter maior coesão entre diferentes levantamentos estatísticos nacionais na questão econômica.

Ajustes foram feitos na CNAE vigorando a versão de 2002. A CNAE é utilizada na RAIS para que o empregador informe qual a atividade de maior importância econômica em seu estabelecimento. Na ocorrência de pluriatividade, deve-se utilizar a categoria da CNAE correspondente à atividade de maior importância econômica.

Tomando-se como base a variável sexo, consolidaram-se os totais de vínculos ativos em 2010 por:

- a) total de postos de trabalho no setor agropecuário (e demais setores econômicos);
- b) faixa etária (até 17 anos, entre 18 e 24, de 25 a 29, 30 a 39, 40 a 49, 50 a 64, 65 ou mais);
- c) remuneração (até 0,5 salários mínimos - s.m., 0,6 a 1,0 s.m., 1,01 a 1,5 s.m., 1,51 a 2,0 s.m., 2,01 a 3,0 s.m., 3,01 a 4,0 s.m., 4,01 a 5,0 s.m., 5,01 a 7,0 s.m., 7,01 a 10,0 s.m., 10,01 a 15,0 s.m., 15,01 a 20,0 s.m., mais de 20,0 s.m.);
- d) grau de instrução (analfabeto, até 5º ano do ensino fundamental incompleto, 5º ano do ensino fundamental completo, 6º ao 9º ano do ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, superior incompleto, superior completo, mestrado e

doutorado);

- e) atividades econômicas (CNAE2.0);
- f) tempo médio de permanência no emprego (até 2,9 meses, 3,0 a 5,9 meses, 6,0 a 11,9 meses, 12,0 a 23,9 meses, 24,0 a 35,9 meses, 36,0 a 59,9 meses, 60,0 a 119,9 meses, 120,0 meses ou mais);
- g) ocupações.

Esta última variável é pertinente ao estudo, pois permite avaliar quanto dos totais de vínculos ativos são diretamente ligados às atividades agropecuárias e indiretamente ligados a ela. Para isso é necessário fazer uso da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) (MTE, 2012c). Nos mesmos moldes da CNAE e também sob a organização da Classificação Nacional de Atividades Econômicas - da Comissão Nacional de Classificações - CONCLA, a CBO organiza as ocupações dos trabalhadores em grandes grupos:

- 0 - membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares;
- 1 - membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público;
- 2 - profissionais das ciências e das artes;
- 3 - técnicos de nível médio;
- 4 - trabalhadores de serviços administrativos;
- 5 - trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados;
- 6 - trabalhadores agropecuários, florestais e da pesca;
- 7/8 - trabalhadores da produção de bens e serviços e industriais;
- 9 - trabalhadores em serviços de reparação e manutenção.

Esses grandes grupos possuem ao todo 592 tipos de ocupações, permitindo assim desagregar cada um deles e observar exatamente qual é o tipo de ocupação dos trabalhadores. Para esse trabalho, optou-se por analisar apenas os grandes grupos que permitem uma ideia clara dos trabalhadores ligados diretamente ou não às atividades agropecuárias.

3 - RESULTADOS

Em 2010 o Estado de São Paulo foi responsável pela geração de 12.873.605 postos de trabalho com carteira assinada. Dentre os cinco setores econômicos definidos pelo IBGE, serviços e indústria são os principais na geração

de empregos, com 50,5% e 22,5%, respectivamente. Considerando-se o total de postos de trabalho em relação ao sexo, a distribuição foi de 58,5% para o sexo masculino e 41,5% para o sexo feminino (Tabela 1).

Neste contexto, o setor agropecuário correspondeu a apenas 2,6% dos postos de trabalho, ou seja, 329.399 postos⁷. Dentre os demais setores esse é o que contribuiu com menos postos de trabalho, sendo que em 2006 o setor agropecuário era o quarto setor mais importante, acima da construção civil, mas no ano seguinte perdeu essa posição e se manteve em último lugar até então. Tal fato deve ser atribuído tanto ao crescimento imobiliário, quanto na formalização dos empregados da construção civil (Figura 1).

Em relação às contratações quanto ao sexo, o setor agropecuário apresentou a participação de 79,9% de homens e 20,1% de mulheres, havendo maior participação de mulheres em comparação com a construção civil (8%), mas ainda abaixo da indústria (28,6%). Em outros setores, como comércio e serviços, essa relação se dá de forma mais igualitária.

Uma das possíveis causas para a maior contratação de homens, tanto na agropecuária quanto na construção civil, é a exigência de maior vigor físico. No caso da agropecuária especificamente, isso ocorre nas colheitas de cana-de-açúcar, laranja e café, nas quais o trabalhador é remunerado conforme sua produtividade, ou seja, quanto mais “unidades” colhidas maior será a remuneração.

Ao se detalhar o setor agropecuário em suas atividades econômicas, observou-se que, em 2010, o cultivo da cana-de-açúcar foi a atividade que mais gerou emprego com carteira assinada (26%), seguida de criação de bovinos (14,6%) e cultivo de laranja (14,6%).

Porém, cabe destacar que para o cultivo da cana-de-açúcar essa situação é transitória, uma vez que a atividade encontra-se em processo de substituição do trabalho manual pelo mecanizado na operação da colheita, aquela que

mais demanda mão de obra. Tal processo ocorre de forma acelerada pela adoção tecnológica no intuito de mitigar os efeitos negativos da queima da palha da cana-de-açúcar condicionado por marcos regulatórios⁸.

Outro ponto a ser destacado, conforme visto na metodologia deste trabalho, é que a RAIS toma como referência o dia 31 de dezembro para que os estabelecimentos informem o total de seus vínculos ativos formais. Para o setor agropecuário, nesse período do ano não ocorrem numerosas contratações, pois culturas como a cana-de-açúcar demandaram trabalhadores entre abril e novembro para a colheita. A agricultura caracteriza-se pela sazonalidade do processo produtivo, portanto existem períodos de pouca contratação (entressafra) e outros meses em que ocorrem os picos de contratação (safra).

Fredo et al. (2006) mostraram que o período com maiores contratações tem início no mês de março, com pico em maio, permanecendo até julho, quando se inicia a tendência inversa, aumentando as demissões e reduzindo o número de contratações atingindo o menor nível em dezembro (Figura 2).

Ao se desagregar o setor agropecuário, nas diversas atividades econômicas que o compõem, verificou-se que a atividade de cana-de-açúcar foi responsável por gerar, em 2010, 85.649 postos de emprego formais no setor agropecuário, representando cerca de 26% do total de postos no ano considerado. Tal atividade foi seguida pela criação de bovinos (15%) e cultivo de laranja (13%). Na cana de açúcar, o percentual de postos de empregos ocupados por homens foi de 88,5% e de 11,5% para as mulheres,

⁷Números revistos e corrigidos pelos autores utilizando estudo de Fredo (2007) que discute a organização das atividades econômicas, segundo a CNAE, dentro dos setores econômicos definidos pelo IBGE. O MTE tem classificado a atividade “atividades de apoio à produção florestal” pertencente ao setor agropecuário como sendo do setor de serviços (3.419 postos de trabalho) e “atividades paisagísticas” pertencente ao setor de serviços como sendo do setor agropecuário (5.431 postos de trabalho).

⁸Lei n. 11.241/ 2002, dispõe sobre a eliminação do uso do fogo como método despalhador e facilitador do corte da cana-de-açúcar e Protocolo Agroambiental, assinado pelo Governador de São Paulo, pelos Secretários de Estado do Meio Ambiente e de Agricultura e Abastecimento e pelos presidentes da União da Indústria Sucoalcooleira (UNICA) e da Organização de Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil (ORPLANA), faz parte do Projeto Etanol Verde, um dos 21 projetos estratégicos da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, que tem o objetivo de desenvolver ações que estimulem a sustentabilidade da cadeia produtiva de açúcar, etanol e bioenergia. O protocolo estabeleceu um cronograma de curto prazo para erradicação da queima da palha da cana-de-açúcar (SÃO PAULO, 2002, 2012).

TABELA 1 - Distribuição dos Postos de Trabalho Formais por Setor Econômico e por Sexo dos Trabalhadores, Estado de São Paulo, 2010

Setor econômico	Masculino (n.)	Part. % no setor econômico	Feminino (n.)	Part. % no setor econômico	Total (n.)	Part. %
Indústria	2.071.676	71,4	828.637	28,6	2.900.313	22,5
Construção civil	583.444	92,0	50.438	8,0	633.882	4,9
Comércio	1.432.128	57,1	1.074.239	42,9	2.506.367	19,5
Serviços	3.179.525	48,9	3.324.119	51,1	6.503.644	50,5
Agropecuária	263.749	79,9	65.650	20,1	329.399	2,6
Total	7.530.522	58,5	5.343.083	41,5	12.873.605	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da RAIS/MTE.

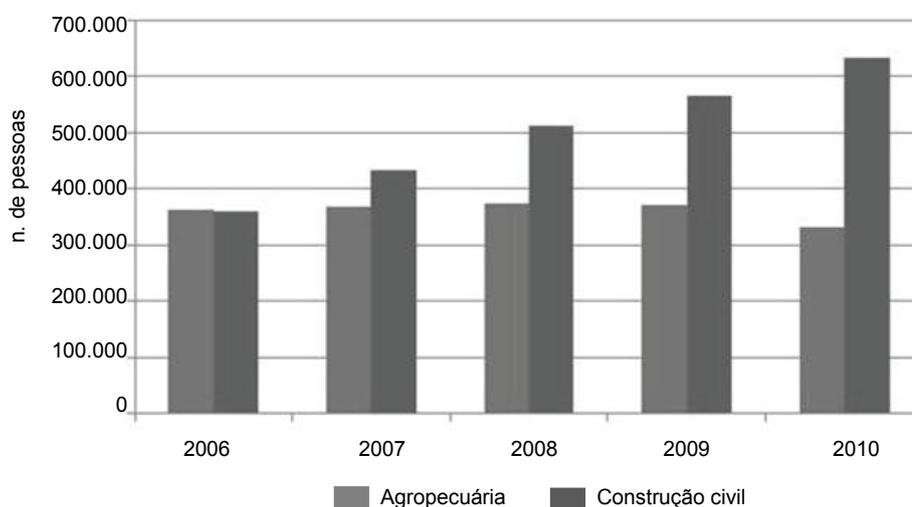


Figura 1 - Evolução do Emprego Formal nos Setores Agropecuário e Construção Civil, Estado de São Paulo, 2006 a 2010. Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

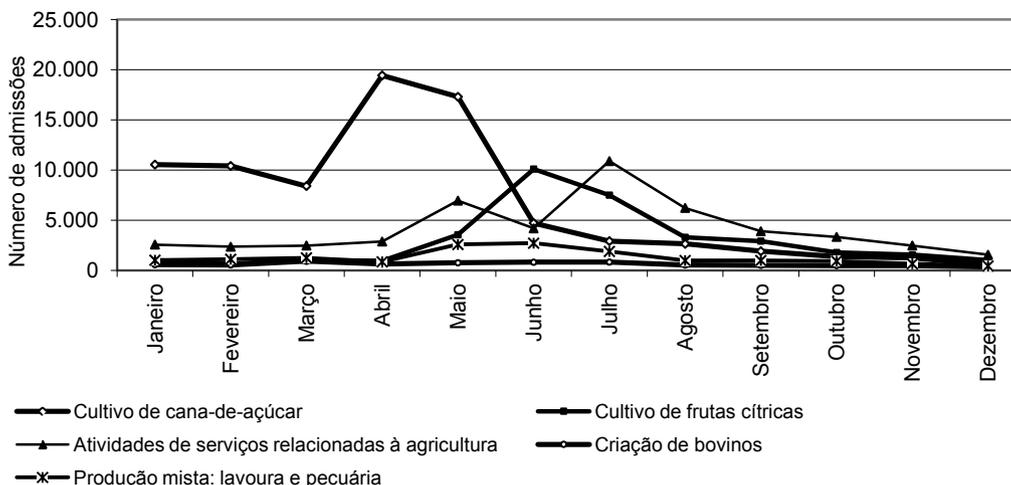


Figura 2 - Número de Admissões nas Principais Atividades Agropecuárias, Estado de São Paulo, 2004. Fonte: Fredo et al. (2006).

abaixo da participação observada anteriormente para o setor agropecuário como um todo, que foi de 20,1% (Tabela 2).

Observa-se que trabalhadores do sexo feminino têm maior participação em criação de aves, com 33%. Dentre as atividades que foram agrupadas na categoria “outras”⁹, as mulheres destacaram-se em: produção de mudas e outras formas de propagação vegetal certificadas (50%), cultivo de fumo (50%) e criação de animais não especificados anteriormente¹⁰ (67%). Ainda considerando as atividades agrupadas em “outras”, tem-se a participação expressiva de homens (entre 100% e 90%) nas atividades de caça e serviços relacionados, atividades de apoio à produção florestal, cultivo de cacau e pesca em água salgada (Tabela 2).

Ao se analisar a distribuição dos postos de trabalho nas diferentes faixas etárias, constatou-se que cerca de 50% dos empregos estão concentrados entre as faixas de 30 a 39 anos e 40 a 49 anos. A faixa com maior participação de mulheres é aquela compreendida entre 30 e 39 anos, na qual o sexo feminino ocupou 31,4% dos postos de emprego gerados (Tabela 3).

O detalhamento das atividades econômicas para mulheres entre 30 e 39 anos mostrou que elas ocuparam 49% das vagas de emprego no cultivo de flores e plantas ornamentais,

⁹Produção florestal - florestas plantadas; cultivo de flores e plantas ornamentais; cultivo de plantas de lavoura temporária não especificadas anteriormente; cultivo de frutas de lavoura permanente, exceto laranja e uva; horticultura; cultivo de cereais; atividades de apoio à pecuária; atividades de apoio à produção florestal; cultivo de plantas de lavoura permanente não especificadas anteriormente; criação de outros animais de grande porte; criação de suínos; cultivo de soja; produção de mudas e outras formas de propagação vegetal certificadas; cultivo de algodão herbáceo e de outras fibras de lavoura temporária; criação de animais não especificados anteriormente; cultivo de oleaginosas de lavoura temporária, exceto soja; cultivo de uva; produção de sementes certificadas. Produção florestal - florestas nativas; pesca em água salgada; criação de caprinos e ovinos; aquicultura em água doce; atividades de pós-colheita; pesca em água doce; aquicultura em água salgada e salobra; cultivo de cacau; cultivo de fumo; caça e serviços relacionados.

¹⁰Segundo a CONCLA, a criação de animais não especificados anteriormente corresponde a abelhas para a produção de mel, cera e de outros produtos apícolas, animais de estimação, escargô, bicho-da-seda, coelhos, minhocas, animais para pesquisas (biotério) e para produção de vacinas e soros e, por último, animais silvestres (capivara, tartaruga, javali, paca, cateto e outros animais, exceto aves).

55% em produção de mudas e outras formas de propagação vegetal certificadas e 70% na criação de animais não especificados anteriormente.

A soma dos percentuais das faixas de 30 a 39 anos e 40 a 49 anos, para o sexo feminino, é próxima a 55%, enquanto para os homens, considerando-se as mesmas faixas de idade, o percentual foi de aproximadamente 50%. Porém, ao verificar a faixa de 50 a 64 anos, destaca-se menor participação das mulheres (11,7%) enquanto os homens respondem por cerca de 19,1%. Sobre esse aspecto, estudo realizado por Camarano e Abramovay (1999) identificaram um processo de envelhecimento e masculinização da população que vive no campo. Tais autores salientaram, ainda, que são cada vez mais os jovens que vêm deixando o meio rural e, entre estes, é preponderante a participação das mulheres. Oliveira (2010) ao analisar dados da PNAD/IBGE, entre 1992 e 2007, também identificou uma tendência de elevação da idade média do empregado no setor agropecuário como um todo.

Sobre o tempo de permanência no emprego, de 6 a 11,9 meses é o período que os empregados mais permanecem nos postos de trabalho, concentrando cerca de 18% dos trabalhadores, ou seja, 53% dos trabalhadores permanecem cerca de dois anos em seus empregos no setor rural. Ademais, não há similaridade com trabalhadores do sexo masculino que representaram 17,6% das vagas. É uma situação esperada, pois o setor agropecuário demanda trabalhadores de forma temporária, isto é, utilizando a mão de obra necessária para alguma etapa do processo produtivo, reconhecidamente a da colheita, mas dispensando esses trabalhadores (ou retendo apenas uma pequena parte) ao término dessa etapa. Ainda nessa faixa de tempo, nota-se que as atividades produção de mudas e outras formas de propagação vegetal certificada, criação de animais não especificados anteriormente e pesca em água doce absorveram 52%, 78% e 65% das mulheres empregadas no período em análise, respectivamente (Tabela 4).

Sobre a questão do trabalho temporário e sazonal, Staduto, Shikida e Bacha (2004) apontaram que esse tem sido reduzido nos últimos 10 anos por conta da pressão exercida por uso de tecnologias que demandam mais contratações permanentes, principalmente no uso de

TABELA 2 - Distribuição dos Postos de Trabalho Formais por Sexo e Atividades Econômicas, Setor Agropecuário, Estado de São Paulo, 2010

Classe	Masculino (n.)	Part. % no setor econômico	Feminino (n.)	Part. % no setor econômico	Total (n.)	Part. %
Cultivo de cana-de-açúcar	75.785	88,5	9.864	11,5	85.649	26,0
Criação de bovinos	41.459	86,0	6.736	14,0	48.195	14,6
Cultivo de laranja	31.632	73,5	11.416	26,5	43.048	13,1
Atividades de apoio à agricultura	18.860	79,4	4.897	20,6	23.757	7,2
Criação de aves	13.959	66,6	7.009	33,4	20.968	6,4
Cultivo de café	13.155	82,3	2.834	17,7	15.989	4,9
Outras	68.899	75,1	22.894	24,9	91.793	27,9
Total	263.749	80,1	65.650	19,9	329.399	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da RAIS/MTE.

TABELA 3 - Distribuição dos Postos de Trabalho Formais por Faixa Etária e Sexo, Setor Agropecuário, Estado de São Paulo, 2010

Faixa etária (anos)	Masculino		Feminino		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
10 a 14	8	0,0	2	0,0	10	0,0
15 a 17	2.830	1,1	562	0,9	3.392	1,0
18 a 24	38.727	14,7	10.437	15,9	49.164	14,9
25 a 29	35.874	13,6	10.159	15,5	46.033	14,0
30 a 39	70.262	26,6	20.595	31,4	90.857	27,6
40 a 49	60.792	23,0	15.873	24,2	76.665	23,3
50 a 64	50.262	19,1	7.680	11,7	57.942	17,6
65 ou mais	4.993	1,9	342	0,5	5.335	1,6
Ignorados ¹	1	0,0	-	0,0	1	0,0
Total	263.749	100,0	65.650	100,0	329.399	100,0

¹A categoria "ignorados" é utilizada pelo MTE para agregar as informações duvidosas ou que não foram possíveis de serem respondidas pelos estabelecimentos sobre seus empregados.

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da RAIS/MTE.

TABELA 4 - Distribuição dos Postos de Trabalho Formais por Sexo e Faixa de Permanência no Emprego, Setor Agropecuário, Estado de São Paulo, 2010

Faixa de tempo no emprego (meses)	Masculino		Feminino		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
Até 2,9	25.308	9,6	8.432	12,8	33.740	10,2
3,0 a 5,9	22.826	8,7	7.382	11,2	30.208	9,2
6,0 a 11,9	46.510	17,6	12.853	19,6	59.363	18,0
12,0 a 23,9	40.672	15,4	10.724	16,3	51.396	15,6
24,0 a 35,9	30.930	11,7	7.696	11,7	38.626	11,7
36,0 a 59,9	34.284	13,0	7.624	11,6	41.908	12,7
60,0 a 119,9	35.130	13,3	6.934	10,6	42.064	12,8
120,0 ou mais	27.935	10,6	3.943	6,0	31.878	9,7
Ignorados ¹	154	0,1	62	0,1	216	0,1
Total	263.749	100,0	65.650	100,0	329.399	100,0

¹A categoria "ignorados" é utilizada pelo MTE para agregar as informações duvidosas ou que não foram possíveis de serem respondidas pelos estabelecimentos sobre seus empregados.

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da RAIS/MTE.

maquinário e implementos agrícolas, assim como mão de obra mais qualificada. Os dados da RAIS corroboraram a afirmação, pois foi possível observar a existência de 40% dos homens com mais de 3 anos de permanência no emprego enquanto para as mulheres esse percentual é de 28,3%.

Sobre o nível de escolaridade do total de trabalhadores do trabalho formal no setor agropecuário em 2010, 36,2% possuíam grau de instrução entre o quinto ano incompleto e completo e 35,1% do sexto ao nono ano incompleto até o fundamental completo. Esses percentuais indicam que 71,2% dos trabalhadores estão abaixo do ensino médio - caracterizando o setor com trabalhadores de baixo nível de instrução. Essa situação independe do sexo do trabalhador, pois tanto os homens (79%) quanto as mulheres (62%) encontram-se abaixo do nível médio (Tabela 5).

O nível de escolaridade dos trabalhadores no setor agropecuário paulista ainda pode ser considerado relativamente baixo, embora também existam trabalhadores de nível médio completo, mesmo que com menor participação, como é o caso dos homens, com 16,0% das vagas e as mulheres com 19,5%, muito provavelmente para ocupações mais especializadas como de tratoristas ou de outras funções indiretamente ligadas à atividade agropecuária. Níveis de escolaridade mais altos, como, por exemplo, o superior, não conseguem atingir sequer 4% do setor agropecuário.

Oliveira (2010) apontou que o setor agropecuário brasileiro pode ser considerado um dos únicos setores da atividade econômica que ainda emprega trabalhadores com baixos níveis educacionais, e até analfabetos, pois em 2007 cerca de 50% dos empregados na agropecuária brasileira possuíam no máximo 3 anos de estudo. Ainda sobre o nível de escolaridade, Hoffmann e Oliveira (2008) apontaram que na agricultura o tempo médio de escolaridade é de 3,6 anos, muito abaixo do setor industrial que é de 7,6 anos e de serviços, 8,9 anos. Destacaram ainda que na economia brasileira como um todo esse tempo é de 8,2 anos.

O grau de instrução constitui uma das características mais importantes para analisar o perfil do trabalhador, pois as extensas jornadas de trabalho, desgaste físico e necessidade da remuneração impedem muitas vezes o indivíduo de conciliar trabalho com estudo, dificultando os trabalhadores de encontrarem melhores oportunidades de emprego.

O setor agropecuário possui a peculiaridade de remunerar mal seus trabalhadores. Conforme os dados disponíveis, 58,2% receberam entre 1,01 e 2,00 salários mínimos em 2010. A maioria dos homens e das mulheres (54,4%) situaram-se em faixas de remuneração diferentes. Os homens foram remunerados entre 1,01 e 2,00 salários mínimos, enquanto as mulheres receberam de 1,01 a 1,05 salário mínimo, mostrando uma discreta diferença entre as remunerações, sendo que na maioria das vezes ambos os sexos executam as mesmas funções (Tabela 6).

Tanto para homens quanto para mulheres houve diminuição de participação em faixas salariais mais elevadas, tornando-se praticamente sem efeito salários superiores a 7,01 salários mínimos, situação essa que já ocorreu a partir dos 4,01 salários mínimos.

A atividade de criação de bovinos tem pago os menores salários, que estão na faixa de 1,01 a 1,5 salário mínimo, enquanto para a faixa salarial seguinte, 1,51 a 2,00 salários mínimos, é o cultivo da cana-de-açúcar que mais remunera nessa faixa.

Destaca-se que o processo de adoção tecnológica deveria ser acompanhado pela geração de postos de emprego mais especializados e, portanto, melhor remunerados. Porém, o estudo realizado por Fredo (2011) sobre o setor sucroalcooleiro constatou que tal fato não ocorreu; houve aumento no número de tratoristas, mais especializados, mas a remuneração média deles decaiu ao longo dos anos e tem se mantido essa tendência.

A análise por ocupações dos empregados permitiu verificar quantos estão diretamente ligados às atividades agropecuárias e indiretamente ligados, como por exemplo, serviços administrativos, processamento de matéria-prima, transporte, etc. As informações indicaram que para o total de vínculos com carteira assinada, 76% estão diretamente ligados às atividades agropecuárias, florestais e pesca. Os outros 24% estão distribuídos em outras ocupações, sendo que trabalhadores da produção de bens e serviços e industriais absorveram 9,83% dos trabalhadores (Tabela 7).

Em relação ao sexo, 75,5% dos homens estão diretamente ligados às atividades do setor. Já os 24,5% restantes em outras ocupações com destaque para a ocupação produ-

TABELA 5 - Distribuição dos Postos de Trabalho Formais por Sexo e Grau de Instrução, Setor Agropecuário, Estado de São Paulo, 2010

Escolaridade após 2005	Masculino		Feminino		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
Analfabeto	5.027	1,9	1.386	2,1	6.413	1,9
Até 5º ano incompleto	38.872	14,7	8.691	13,2	47.563	14,4
5º ano completo do fundamental	56.812	21,5	12.266	18,7	69.078	21,0
6º ao 9º ano do fundamental	45.782	17,4	10.809	16,5	56.591	17,2
Fundamental completo	47.069	17,8	11.082	16,9	58.151	17,7
Médio incompleto	18.954	7,2	4.775	7,3	23.729	7,2
Médio completo	42.613	16,2	12.822	19,5	55.435	16,8
Superior incompleto	1.867	0,7	1.031	1,6	2.898	0,9
Superior completo	6.581	2,5	2.718	4,1	9.299	2,8
Mestrado	127	0,0	55	0,1	182	0,1
Doutorado	45	0,0	15	0,0	60	0,0
Total	263.749	100,0	65.650	100,0	329.399	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da RAIS/MTE.

TABELA 6 - Distribuição dos Postos de Trabalho Formais por Faixa de Remuneração e Sexo, Setor Agropecuário, Estado de São Paulo, 2010

Faixa de remuneração (em salários mínimos)	Masculino		Feminino		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
Até 0,50	750	0,3	498	0,8	1.248	0,4
0,51 a 1,00	7.322	2,8	4.244	6,5	11.566	3,5
1,01 a 1,50	86.741	32,9	35.733	54,4	122.474	37,2
1,51 a 2,00	57.050	21,6	11.993	18,3	69.043	21,0
2,01 a 3,00	52.247	19,8	5.299	8,1	57.546	17,5
3,01 a 4,00	22.770	8,6	1.824	2,8	24.594	7,5
4,01 a 5,00	10.114	3,8	705	1,1	10.819	3,3
5,01 a 7,00	8.316	3,2	683	1,0	8.999	2,7
7,01 a 10,00	3.463	1,3	385	0,6	3.848	1,2
10,01 a 15,00	1.435	0,5	231	0,4	1.666	0,5
15,01 a 20,00	533	0,2	77	0,1	610	0,2
Mais de 20,00	711	0,3	62	0,1	773	0,2
Ignorados ¹	12.297	4,7	3.916	6,0	16.213	4,9
Total	263.749	100,0	65.650	100,0	329.399	100,0

¹A categoria "ignorados" é utilizada pelo MTE para agregar as informações duvidosas ou que não foram possíveis de serem respondidas pelos estabelecimentos sobre seus empregados.

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da RAIS/MTE.

TABELA 7 - Distribuição dos Postos de Trabalho Formais por Grandes Grupos de Ocupações e Sexo, Setor Agropecuário, Estado de São Paulo, 2010

Grupo	Masculino		Feminino		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
Membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público	3.780	1,4	654	1,00	4.434	1,4
Profissionais das ciências e das artes	3.234	1,2	1.167	1,8	4.401	1,3
Técnicos de nível médio	4.661	1,8	1.222	1,9	5.883	1,8
Trabalhadores de serviços administrativos	7.021	2,7	5.686	8,7	12.707	3,9
Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados	7.469	2,8	3.939	6,0	11.408	3,5
Trabalhadores agropecuários, florestais e da pesca	199.141	75,5	51.167	77,9	250.308	76,0
Trabalhadores da produção de bens e serviços e industriais	30.753	11,7	1.633	2,5	32.386	9,8
Trabalhadores em serviços de reparação e manutenção	7.678	2,9	181	0,3	7.859	2,4
Sem grupo	12	0,0	1	0,0	13	0,00
Total	263.749	100,0	65.650	100,0	329.399	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da RAIS/MTE.

ção de bens e serviços industriais que absorvem 11,7%. As mulheres ocuparam 77,9% das ocupações diretas e 22,1% em outras ocupações e, diferentemente dos homens, 8,7% delas estão concentradas em serviços administrativos, enquanto para eles o percentual foi de 2,8%. O maior número de mulheres nesse tipo de ocupação pode ser percebido em serviços como o de secretária, na área de contabilidade, entre outros.

4 - CONCLUSÕES

Concluiu-se que a geração de emprego no setor agropecuário paulista não se dá de forma igualitária para homens e mulheres, uma vez que foram os homens que ocuparam a maioria das vagas de trabalho em 2010. Uma possível explicação é a necessidade do esforço físico e a

longa jornada de trabalho da atividade agrícola, por isso a preferência por trabalhadores do sexo masculino (Quadro 1).

Quanto às questões socioeconômicas que caracterizam o perfil do trabalhador, observaram-se mais semelhanças do que diferenças entre ambos os sexos, principalmente no baixo nível de instrução e na baixa remuneração. Essas duas últimas variáveis chamam a atenção para o aprofundamento do debate. Nível de instrução baixo deve ser uma prioridade para elaboração de políticas públicas mais direcionadas à elevação da escolaridade do trabalhador rural, a fim de que, no futuro, trabalhadores com melhores níveis de instrução possam ser mais especializados para conquistarem melhores oportunidades de emprego. O trabalhador rural é mal remunerado por estar em um setor agropecuário caracterizado pelas extensivas jornadas de trabalho, exposição às intempéries e esforço físico.

QUADRO 1 - Síntese da Comparação entre os Sexos no Setor Agropecuário, Estado de São Paulo, 2010

	Similaridades	Diferenças
Total de postos de trabalho		Maioria dos postos de trabalho ocupados por homens
Atividades econômicas	Cultivo de cana-de-açúcar e criação de bovinos concentraram o maior número de trabalhadores de ambos os sexos.	
Grau de instrução	Tanto homens quanto mulheres estão abaixo da categoria "médio" de escolaridade, situação essa que dificulta programas de capacitação e também a possibilidade de reingresso em melhores oportunidades de emprego	
Remuneração	Baixa remuneração para ambos os sexos	Homens se concentraram numa faixa salarial superior à das mulheres, entre 1,01 e 2,0 salários mínimos Menores salários foram encontrados na criação de bovinos e cultivo da cana-de-açúcar
Tempo no emprego	Trabalho sazonal para homens e mulheres com tempo médio de permanência no emprego de 6 a 11,9 meses	
Ocupações	Maioria dos homens e mulheres em ocupações diretamente ligadas às atividades agropecuárias	Em ocupações indiretamente ligadas à atividade, os homens aparecem em produção de bens e serviços industriais, enquanto as mulheres em atividades administrativas
Faixa etária	Faixas etárias que mais concentraram trabalhadores são aquelas compreendidas entre os intervalos de 30 e 49 anos (homens 50% e mulheres 55%)	Na faixa etária de 50 a 64 anos ocorreu uma maior participação dos homens, 19,1%, enquanto as mulheres responderam com cerca de 12%

Fonte: Dados da pesquisa.

Empregos em tais condições não são desejáveis em quaisquer setores econômicos. Defende-se a geração de empregos de forma igualitária e que ofereçam boas condições de trabalho, segurança e também remuneração condizente. E, acima de tudo, que permitam ao trabalhador rural (e não apenas ao rural) o acesso à alimentação, saúde, educação, comunicação, lazer, cultura e cidadania.

Melhores empregos poderiam ser gerados com o processo de adoção tecnológica, como, por exemplo, a colheita mecanizada de alguns cultivos (cana-de-açúcar, algodão, soja, etc). Essas tecnologias atenuariam inclusive as diferenças de contratação entre homens e mulheres, uma vez que sexo não é impeditivo de uso da tecnologia, o que promoveria uma geração de emprego mais igualitária entre os sexos.

LITERATURA CITADA

BRAUNBECK, O. A.; OLIVEIRA, J. T. A. Colheita de cana-de-açúcar com auxílio mecânico. **Engenharia Agrícola**, Jaboticabal, v. 26, n. 1, p. 300-308, 2006.

CAMARANO, A. A., ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. 23 p. (Texto para Discussão, n. 621).

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 219 p.

FREDO, C. E. et al. **Mercado de trabalho formal nas atividades agropecuárias paulistas, 1995-2004**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006, Fortaleza. **Anais...** Brasília: SOBER, 2006. 15 p.

_____. Considerações sobre o setor agropecuário brasileiro e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). In: CICLO DE DEBATES EM ECONOMIA INDUSTRIAL, TRABALHO E TECNOLOGIA, 5., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: PUC, 2007.

_____. **Modernização tecnológica e a questão do emprego formal no setor sucroalcooleiro**: uma proposição de índice sócio-econômico. 2011. 122 p. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) - Instituto de Geociências, Universidade de Campinas, Campinas, 2011.

HOFFMANN, R.; OLIVEIRA, F. C. R. de. Remuneração e características das pessoas ocupadas na agroindústria canavieira no Brasil, de 2002 a 2006. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46., 2008, Rio Branco. **Anais...** Brasília: SOBER, 2008. 19 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Notas metodológicas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: fev. 2012.

_____. **Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE**. Versão 1.0. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. 317 p.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. **Banco de dados**: Relação Anual de Informações Sociais - RAIS. Brasília: MTE, 2012a. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario.htm>. Acesso em: fev. 2012.

_____. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**. Brasília: MTE, 2012c. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>. Acesso em: fev. 2012.

_____. **Notas técnicas**. Brasília: MTE, 2012b. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/pdet/ajuda/notas_comunic/comu19011.asp>. Acesso em: 30 jan. 2012.

OLIVEIRA, F. C. R. O mercado de trabalho assalariado na cana-de-açúcar e em outras atividades agropecuárias, de 1992 a 2007. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 48.,

2008, Rio Branco. **Anais...** Brasília: SOBER, 2010. 24p.

OLIVEIRA, F. C. R. **Ocupação, emprego e remuneração na cana-de-açúcar e em outras atividades agropecuárias no Brasil, de 1992 a 2007**. 2009. 167 p. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2009.

OLIVEIRA, O.; ARIZA, M. A. Gênero, trabalho e exclusão social. In: Oliveira M. C. (Org.). **Demografia da exclusão social**. Campinas: Unicamp. 2001.

PASTORE, J. Tecnologia e emprego. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 3, n. 5, set., 1998.

SÃO PAULO (Estado). Lei n. 11.241, de 19 de setembro de 2002. Dispõe sobre a eliminação gradativa da queima da palha da cana-de-açúcar e dá providências correlatas. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, 20 set. 2002. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br>>. Acesso em: fev. 2012.

_____. Secretaria do Meio Ambiente. **Protocolo Agroambiental**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/etanolverde/protocoloAgroambiental.php>>. Acesso em: fev. 2012.

STADUTO, J. A. R.; SHIKIDA, P. F. A.; BACHA, C. J. C. Alteração na composição da mão-de-obra assalariada na agropecuária brasileira. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 57-70, jul./dez. 2004.

TAFNER, P. (Ed.). **Brasil o estado de uma nação: mercado de trabalho, emprego e informalidade**. Rio de Janeiro: IPEA, 2006. 533 p.

EMPREGO FORMAL NO SETOR AGROPECUÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO: uma comparação entre homens e mulheres

RESUMO: *Este trabalho analisou a geração de empregos formais no setor agropecuário paulista com foco nos homens e nas mulheres, a partir de variáveis socioeconômicas que definem o perfil dos empregados. Com base em dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2010, os principais resultados encontrados foram: as vagas ocupadas ainda são preenchidas em sua maioria por homens; a remuneração é baixa para ambos os sexos, ainda que os homens sejam discretamente mais bem remunerados; o trabalho para ambos os sexos é de caráter temporário; e a escolaridade para ambos os sexos ainda é baixa, o que se torna um gargalo para que esses trabalhadores alcancem ocupações com melhores salários.*

Palavras-chave: *emprego formal, sexo, setor agropecuário, RAIS.*

MALE-FEMALE WAGE DIFFERENTIALS IN AGRICULTURAL FORMAL EMPLOYMENT IN THE STATE OF SAO PAULO

ABSTRACT: *This study analyzed formal job creation in the agricultural sector of Sao Paulo, focusing on male and female employment patterns, using the socio-economic variables that provide a profile of the workforce. Based on 2010 data from the Annual Report of Social Information (RAIS), our main findings were: job openings are mostly filled by men; the pay is low for both sexes, although men are slightly better remunerated; both genders work in temporary jobs; and both genders have low educational attainment, which prevents them from having higher-paid occupations.*

Key-words: *formal employment, gender, agricultural sector, RAIS.*

Recebido em 07/03/2012. Liberado para publicação em 29/03/2012.